

A Rainha e o Anão – A magia no poema Tristão e Isolda.

Luciano Campos Tardock

2009

A Rainha e o Anão – A magia no poema Tristão e Isolda.

- Introdução.

“O sol estava ardente, ambos ficaram com sede e pediram de beber. A serva procurou o que lhes trazer e achou o frasco confiado a Brangien pela mãe de Isolda. ‘Achei vinho!’ disse-lhes ela. Mas não era vinho: era a paixão, era a cruel alegria e a angústia sem fim, era a morte. A serva enche uma taça e apresentou-a à sua senhora, a qual bebeu longos sorvos, e ofereceu depois o resto a Tristão, que a esvaziou.”

Tristão e Isolda¹.

“Senhores, vamos nos aconselhar com Frocin, o anão corcunda. Ele conhece as sete artes, a magia e todos os encantamentos. Sbe quando nasce uma criança, observa tão bem os sete planetas e o curso das estrelas, que pode contar antecipadamente os pontos de sua vida. Descobre pelo poder de Bugibus e Noirão, as coisas secretas. Ele nos dirá quais são as artimanhas da Rainha Isolda.

Tristão e Isolda².

Tristão e Isolda, romance lendário sobre a história de um amor impossível entre o cavaleiro Tristão e a princesa Isolda da Irlanda. Sua datação exata é incerta, tal poema teve inúmeras versões diferentes, sendo sua raiz mais profunda sendo reconhecida como a dos povos celtas que viveram no norte da Europa, ganhando novo fôlego pós século XII, escrita por autores normandos, sendo feita

¹ Tristão e Isolda, - Lenda medieval celta de amor, São Paulo, Martin Claret, 2006, página 42.

² *Op Cit.* pg 52.

uma versão do século XIII considerada uma obra prima da poesia medieval alemã, assinada por Gottfried von Strassburg³.

O poema Tristão e Isolda traz em seu corpo elementos importantes, que apesar das inúmeras versões e traduções, conseguiram manter até nós, resquícios da mentalidade e dos costumes da época, em que tal poema era apenas trasladado de região para região de forma oral.

Símbolos do imaginário popular estão entranhados no poema: Cavaleiros andantes, valorosos, justos e bravos, princesas belas de pele alva, no século XIII outros elementos são inseridos, Tristão é incorporado a Távola Redonda, como Cavaleiro do Rei Arthur, encontrando-se presente no ciclo arthuriano tamanha a força do reconhecimento de sua lenda.

Outro elemento se encontra pertinente na obra mesmo com a alteração das versões por diversos autores, como aconteceria na França pelas mãos de Bérουλ, entre o período de 1160 e 1190, escrito em francês antigo e na obra de Tomás da Inglaterra, por volta de 1170, é a presença da magia seja na presença de uma rainha conhecedora de filtros de amor ou de um anão feiticeiro que conhece as estrelas.

Analisando as passagens mágicas do poema Tristão e Isolda, podemos separá-lo em dois momentos distintos, o primeiro sendo o momento da confecção da poção mágica que irá tocar o destino de ambos os protagonistas da história, poção essa feita pela própria mãe de Isolda.

O segundo momento, é quando aparece na história o anão Frocin, este atuando num papel completamente em oposição ao da Rainha da Irlanda, mãe de Isolda. Enquanto a Rainha se preocupava em criar uma poção de amor, para que sua filha fosse ligada eternamente ao Rei Marcos da Cornualha, o papel de Frocin é o de descobrir erros, enganar, perseguir os passos de Isolda, buscando migalhas que a incriminem pelo seu amor a Tristão.

- A Feiticeira.

³ *Op Cit.* pg. 11.

A passagem mágica do livro começa a aparecer com a Rainha, personagem que se comparada com o anão, tem um papel menor, mas de vital importância para o decorrer da saga. É ela que irá dar o tom do destino de Tristão e Isolda.

A Rainha, cujo nome não sabemos, em momento algum é comentado durante o livro, é detentora de conhecimentos únicos, o da magia e da ciência, como afirma em passagem no livro que diz que ela finalizara a beberagem com “ciência e magia”⁴, a mãe de Isolda entrega o filtro para Brangien – A Fiel, que é companheira da princesa. Brangien deve cuidar para que Isolda beba o filtro juntamente com o Rei Marcos da Cornualha.

*“Quando foi chegando o tempo de entregar Isolda aos cavaleiros de Cornualha, a rainha, sua mãe, colheu ervas, flores e raízes, misturouas com vinho, fazendo uma beberagem poderosa. Finalizando-a com ciência e mágica, ela a pôs em um frasco, e disse a Brangien, a companheira de Isolda: - Deves acompanhar Isolda a Terra do Rei Marcos. Sei que a amas com amor fiel; assim, pega este frasco esconde-o a fim de que ninguém o veja e nem beba do seu conteúdo. Mas quando chegar a noite nupcial e o instante em que o casal deve ficar sozinho, Marcos e a Rainha Isolda. Mas, cuidado! Que apenas eles bebam esse licor, pois esta é a sua propriedade: os que juntos o beberem irão se amar com todos os seus sentidos e seu pensamento, para sempre, na vida e na morte”.*⁵

Quando observamos tal trecho, seguindo os passos do historiador português Francisco Bethencourt, em seu livro O Imaginário da Magia vemos que a Rainha, mãe de Isolda, irá lidar com dois procedimentos distintos. Um pode ser considerado o objetivo, no caso do poema, seria o amor. O segundo é o caminho

⁴ *Op Cit.* pg. 39.

⁵ *Op Cit* pg 39.

pelo qual o feitiço será não só realizado, mas também , obterá seu sucesso, que é o ligamento, que será feito através do filtro, basicamente um componente material.

Também devemos prestar atenção a ligação que o autor faz da relação estreita entre a magia e a ciência, características distintas mas que se encontram ligadas na personagem, quando diz que o filtro será finalizado pelo uso de ambas, mas cada análise a seu tempo.

Começando a análise do poder proposto pelo filtro sobre Tristão e a Princesa Isolda, temos o amor. Amor que em língua portuguesa tem inúmeros sentidos, mas que podemos identificar como o centro de uma feitiçaria amorosa, enquanto alguns historiadores preferam feitiçaria erótica, “embora seu campo de atuação extravase o âmbito estrito da sexualidade para abranger as aspirações de casamento e os múltiplos problemas da relação do casal”⁶.

Feitiçaria essa que é motivada por inúmeros motivos que ocorrem durante a Idade Média como correntes migratórias, movimentação social elevada, fruto de novas possibilidades de lucro ou de envolvimento militar, além de doenças, períodos de más colheitas e outros, trazem a tona sempre a necessidade de se encontrar novos companheiros, frente a mortandade de homens e a solidão das mulheres.

E falando de filtros, que é o caminho pelo qual a Rainha da Irlanda une sua filha a Tristão de forma definitiva podemos citar as “perfumistas e fabricantes de filtros de amor”, analisadas por Laura de Mello e Souza.

“Perfumistas e fabricantes de filtros de amor, como as Celestinas do Renascimento; conhecedoras dos poderes curativos de certas ervas e raízes; como muitas das feitiçarias da Europa rural; assassinas de crianças e detentoras de forças negativas que lesavam plantações e colheitas, como Françouneto, existiram desde a Antiguidade. A diferença moderna residia no fato de que essas práticas, antes consideradas malefícios, passaram a ser vistas como crime de

⁶ BETHENCOURT, Francisco. O Imaginário da Magia, Companhia das Letras, São Paulo, 2004, pg. 99.

bruxaria, realizado sob intervenção demoníaca e passível de ser punido com a forca ou a fogueira”⁷.

Assim como orações diversas a diversos santos, uso de material sagrado – presente nas igrejas, como pedra do altar, pedaços de hóstias e símbolos sagrados, as devoções e orações, temos aqui nesse caso uma poção, um filtro de amor, conhecido símbolo mágico, tão comum em histórias que são contadas para crianças.

Não temos muitas informações sobre esse filtro, tirando o já citado, de que este é finalizado através de ciência e magia, temos ainda algumas poucas características: “É feito com ervas, flores e raízes, misturado ainda ao vinho”.⁸

Nem podemos recorrer a casos similares de fórmulas mágicas que temos em comparativo, essa não aparenta ter qualquer tipo de envolvimento profano, ou sagrado, não usando ossos de animais ou homens, muito menos sangue ou qualquer outro tipo de fluído como suor ou saliva, nem mesmo palavras que devem ser entoadas e muito menos qualquer tipo de invocação demôniaca, aspectos que eram muito comuns no período medieval, e que podem ser comprovados por uma analogia simples, afinal, se Deus era a vontade, o destino acontecendo deforma prática, nada mais natural que recorrer ao demônio para ir contra o fluxo do destino e se conseguir a *benquerença* de quem se queira, a qualquer custo.

Nem mesmo ao mundo dos mortos esse tipo de feitiçaria amorosa, recorreu. Ao menos, não deixa qualquer indício sobre isso, mesmo oferecendo tão poucas informações, fica difícil incluir tal fórmula no círculo do reino dos mortos.

- O Anão.

Frocin pelo contrário carrega consigo uma carga negativa imensa, sua negatividade começa pela sua própria aparência. Hora citado como anão, hora

⁷ SOUZA, Laura de Mello. A feitiçaria na Europa Moderna, Editora Ática, São Paulo, 1995, pag. 20.

⁸ *Op Cit. Pg 39.*

citado como corcunda, completamente diferente da presença exuberante da Rainha, mãe da Isolda – a Loura, ou ainda, Isolda – a Bela, dificilmente poderíamos colocar ambos em algum nível de igualdade. O feiticeiro anão – ou corcunda, traz consigo, sem criar qualquer, o que Jeffrey Richards iria tratar como sendo uma minoria.⁹

Frocin consulta as estrelas e descobre “pelo poder de Bugibus¹⁰ e Noirão, as coisas secretas”, ainda afirma que os ditos Bugibus e Noirão irão dizer “quais são as artimanhas secretas da Rainha Isolda”¹¹, como podemos ver no trecho:

“Senhores, vamos nos aconselhar com Frocin, o anão corcunda. Ele conhece as sete artes, a magia e todos os encantamentos. Sbe quando nasce uma criança, observa tão bem os sete planetas e o curso das estrelas, que pode contar antecipadamente os pontos de sua vida. Descobre pelo poder de Bugibus e Noirão, as coisas secretas. Ele nos dirá quais são as artimanhas da Rainha Isolda.

Já é possível perceber o primeiro elemento, a citação de demônios, ou espíritos ruins, como Bugibus, que se encaixa na segunda forma de magia de Rafael Bluteau, a magia artificial que “é a abominável arte de invocar o demônio, e fazer pacto com ele, para com o seu ministério obrar cousas sobrenaturais¹²”.

Outro elemento que percebemos era a consulta dos astros, das estrelas. Eram práticas costumeiras entre os casos de feitiçaria. Não se tratava de uma ciência como a astronomia sendo que estas ainda nem se comunicava com a

⁹ RICHARDS, Jeffrey. *Sexo, desvio e danação*. São Paulo, Jorge Zahar Editor, 1990.

¹⁰ Bugibus é uma divindade menor céltica, conhecido como um pequeno demônio ou ainda um espírito maligno. Também pode ser encontrado em outras referências como Bugaboo (bug-a·boo) ou Beugibus, é conhecido popularmente na mitologia anglo-saxã como o Hobgoblin. A primeira referência a aparição de Bugibus consta no poema de Aliscans em 1140 “Et puis d’infer iras o Bugibu, avec ton dieu Moham et Cahu” nt.: “E em seguida, irá pro inferno o Bugibu com seu deus Moham e Cahu”

¹¹ *Op Cit, Pg 52.*

¹² BETHENCOURT, Francisco. *O Imaginário da Magia – Feiriceiras, Adivinhos e Curandeiros em Portugal no século XVI.*

astrologia¹³, esse será um fenômeno Moderno, mas esta prática já se encontrava diretamente presente na literatura medieval.

- O destino coletivo – Conclusão.

Fazendo uso do termo utilizado por Francisco Bethencourt, mesmo que sendo uma obra ficcional, *Tristão e Isolda* traz consigo todo um imaginário que se arrasta da Alta Idade Média até o final da mesma, um conto que vai se recriando por mais de 400 anos diretamente, desde sua primeira aparição entre os anos de 1160 - 90 até 1553, perdendo sua importância durante o século XVI.

O que se pode levar como lição de *Tristão e Isolda* é como a mentalidade mágica européia se mantém viva no nível popular, alcançando outras esferas sociais.

Tristão e Isolda mesmo perdendo sua importância no século XVI como já foi dito, alcançou regiões distintas, sempre mantendo seus elementos mágicos, que são a pedra angular do conto, sem a presença do filtro mágico, ou sem as diabruras de Frocim, seria impossível manter as características desse conto. Ele começa a ser visto primeiramente em francês arcaico, um século depois já pode ser encontrado em alemão por Eilhart von Oberg e também por Gottfried von Straßburg, sendo ainda encontrado em italiano e inglês, por volta de 1300 e chegando a ter uma versão em espanhol intitulada *Libro del caballero Don Tristán de Leonís*, alcançando enorme sucesso e tendo diversas reimpressões¹⁴.

Podemos fazer um paralelo aqui, não comparando a vida dos personagens *Tristão e Isolda* com a questão do destino coletivo deles. Essa missão é fácil. Cavaleiro e Princesa, se apaixonam perdidamente após ingerir uma poção mágica, ministrada pela mãe dela, figura de uma feiticeira diferente – conhecedora de magia e ciência, que não era carcomida pela malevolência característica, imputada a todas aquelas que conheciam de tal arte, mas sim o cruzamento entre o sucesso de tal obra com considerável sucesso até o século XVI com a existência

¹³ WOORTMANN, Klaus. *Religião e Ciência no Renascimento*. Brasília, Editora da UnB, 1997, pg. 108.

¹⁴ ROSSI, Luciano. *A literatura novelística na Idade Média portuguesa*. ICALP. 1979.

e proliferação de teorias e concílios, bulas papais e tribunais inquisitoriais punindo qualquer que fosse atividades mágicas.

Segundo Delumeau destaca, entre os anos de 1320 e 1420 temos 13 tratados contra a feitiçaria, além da publicação do *Formicarius* (1435-1437) e o *Malleus Maleficarum* (1486) e apesar de todos os problemas que eram passíveis de sofrer, Tristão e Isolda seguiu em frente, influenciando de alguma forma homens e mulheres que leram suas linhas, indiferente à versão lida, pois em todas, a magia estava viva.

Fonte:

Tristão e Isolda: Lenda medieval celta de amor, Editora Martin Claret, São Paulo, 2006.

Bibliografia.

BETHENCOURT, Francisco. O Imaginário da Magia – Feiriceiras, Adivinhos e Curandeiros em Portugal no século XVI, 2004.

DELUMEAU, Jean. História do Medo no Ocidente, 1300 – 1800, Companhia das Letras, São Paulo, 2001.

GINZBURG, Carlo. História Noturna. Companhia das Letras, São Paulo, 2001.

NOGUEIRA, Carlos Roberto Figueiredo. O Nascimento da Bruxaria. Imaginário, São Paulo, 1995.

ROSSI, Luciano. A literatura novelística na Idade Média portuguesa. ICALP. 1979.

SOUZA, Laura de Mello e. O Diabo na Terra de Santa Cruz, Companhia das Letras, São Paulo, 2005.

WOORTMANN, Klaus. Religião e Ciência no Renascimento. Brasília, Editora da UnB, 1997